

# Comportamento Semanal de Mercado

Informativo Assessoria Econômica

13 a 20 de janeiro de 2023 | [www.abbc.org.br](http://www.abbc.org.br)

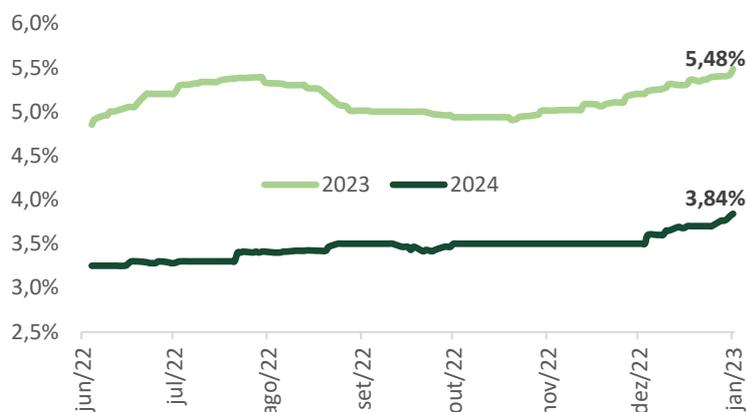


## Recessão próxima?

No Fórum Econômico Mundial, realizado na semana passada, ficou evidente a preocupação com a evolução prospectiva da atividade global. Foi apresentada uma pesquisa em que 2/3 dos economistas projetavam uma recessão ainda em 2023, por conta do combate à inflação, das dívidas elevadas e do ambiente geopolítico de alta fragmentação. Os mercados têm o entendimento de que o ciclo contracionista será estendido. O temor foi aumentado com a queda não esperada dos pedidos de seguro-desemprego e indicadores de atividade mais fracos nos EUA e as possíveis pressões inflacionárias com a flexibilização sanitária na China. Dado esse cenário, o retorno das T-Notes de 10 anos recuou -0,1 p.p. para 3,48% a.a. e o dólar ganhou força frente às divisas dos países emergentes, cujo índice recuou -0,39% na semana, com destaques para as depreciações de 1,20% no peso argentino, de 0,57% no peso mexicano, de 1,37% no renminbi e de 2,05% do real. Após um período de relativa calma, houve um aumento nos prêmios de risco implícitos na estrutura a termo da taxa de juros, repercutindo fundamentalmente os ruídos na comunicação do governo. Os rumores acerca de um eventual aumento das metas de inflação recaíram negativamente sobre as expectativas inflacionárias, de modo que a mediana do Boletim Focus para o IPCA de 2023 avançou 0,09 p.p. para 5,48% e a estimativa para 2024 aumentou em 0,14 p.p. para 3,84%. Como desdobramento, a trajetória esperada para a meta Selic vem ajustando-se para cima, apontando para uma taxa de 12,50% a.a. ao término de 2023, prevendo cortes só a partir de set/23. Os números do monitor do PIB da FGV deixam clara a desaceleração. As expectativas no Focus para o crescimento do PIB em 2023 subiram de 0,77% para 0,79%. A recuperação do mercado de trabalho exibida pela PNAD perde intensidade, mesmo com a taxa de desocupação alcançando 8,1%. Se a taxa de participação fosse similar ao período anterior à pandemia (a média de 2019), o desemprego seria 1,7 p.p. maior. Segundo levantamento de sentimento da CNC, a média do aumento da parcela de endividados foi de 6,8 p.p. para famílias com até 10 salários mínimos e 8,3 p.p. para renda superior a 10 salários mínimos, o que significou as maiores altas anuais desde 2010. Para a semana, o grande destaque fica para os números do IPCA-15 relativos a jan/23 que devem sinalizar a trajetória do processo de desinflação. Adicionalmente, ocorrerão a reunião do CMN, além da divulgação dos dados fiscais, do setor externo, das sondagens de confiança, do PIB dos EUA e PCE, e a confiança do consumidor na Zona do Euro.

## Expectativas

### Inflação – Mediana das Projeções (% a.a.)



Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

Os rumores acerca de um eventual aumento das metas de inflação recaíram negativamente sobre as expectativas inflacionárias. Em relação à semana anterior, a mediana das projeções do Boletim Focus para o IPCA de 2023 avançou 0,09 p.p. para 5,48% (5,23% há 4 semanas). A estimativa para a inflação de 2024 aumentou em 0,14 p.p. para 3,84% (3,60% há 4 semanas), enquanto a de 2025 manteve-se em 3,50% (3,20% há 4 semanas). Com maior intensidade, o IPCA projetado para 2026 se elevou em 0,25 p.p. para 3,47% (3,01% há 4 semanas). Com a manutenção temporária da isenção tributária nos preços de combustíveis, as projeções para a inflação de jan/23 e fev/23 permaneceram, respectivamente, em 0,50% e 0,70%. Porém para mar/23, quando vence a prorrogação, a mediana subiu 0,06 p.p. para 0,57%. A trajetória esperada para a meta Selic vem ajustando-se para cima, apontando para uma taxa de 12,50% a.a. ao término de 2023 (12,00% há 4 semanas). Prevendo 3 cortes a partir de set/23, sendo 1 de -0,25 p.p. e mais 2 de 0,50 p.p.. O ciclo de flexibilização se estenderia para 2024 com a taxa finalizando em 9,50% a.a., um aumento de 0,25 p.p. na semana (9,0% a.a. há 4 semanas). Também com elevações de 0,25 p.p. na semana, esperava-se que a Selic aos finais de 2025 e 2026 ficasse, respectivamente, em 8,50% e 8,25%. A mediana das expectativas para o crescimento do PIB em 2023 oscilou de 0,77% para 0,79%, permanecendo em 1,50% para 2024, em 1,90% para 2025 e em 2,0% para 2026. Sem mudanças, a mediana das projeções para a taxa de câmbio se manteve em R\$ 5,28/US\$ ao término de 2023 e em R\$ 5,30/US\$ aos finais de 2024 e 2025. Para 2026, a expectativa variou de R\$ 5,35/US\$ para R\$ 5,30/US\$. Na seara fiscal, a projeção para o resultado primário, em relação ao PIB, reduziu-se de -1,19% para -1,11% em 2023, mantendo-se em -1,00% para 2024. Para 2025, a estimativa variou de -0,65% para -0,55% do PIB e para 2026, de -0,50% para -0,48% do PIB.

## Aversão ao Risco

### Bolsas Internacionais

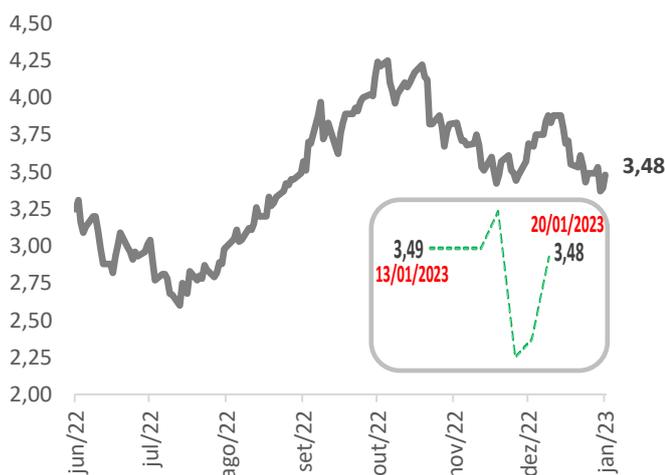
Bolsas	20/01/2023	Variação		
		Semana	Mês	12 meses
Bovespa	112.041	1,0%	4,3%	2,7%
Nasdaq	11.140	0,6%	4,0%	-21,3%
S&P	3.973	-0,7%	2,4%	-11,4%
Dow Jones	33.375	-2,7%	0,0%	-3,9%
Nikkei 225	26.554	1,7%	0,6%	-4,4%
Xangai	3.265	2,2%	6,4%	-8,2%

Apesar das divulgações de alguns indicadores que apontaram queda no nível de atividade e na diminuição no ritmo de alta anual das inflações nos EUA e na Zona do Euro, a semana encerrou com aumento na busca por ativos de maior segurança. O mercado precificou as falas mais duras dos membros dos principais Bancos Centrais, reforçando o entendimento de que o ciclo contracionista deva se estender, embora gere o risco de levar a uma recessão. Temor que foi elevado com a queda não esperada dos pedidos de seguro-desemprego na semana anterior.

Simultaneamente, o processo de reabertura das atividades na China gera otimismo quanto à demanda e preocupações de possíveis pressões inflacionárias, conforme destacado pela presidente do BCE, Christine Lagarde, no Fórum Econômico Mundial.

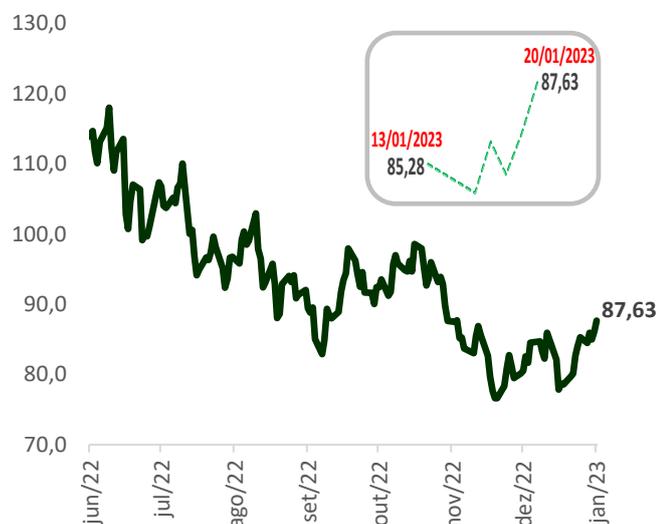
Com isso, o retorno das *T-Notes* de 10 anos fechou com queda de -0,01 p.p. na semana para 3,48% a.a., após alcançar 3,37% a.a. na quarta (18/01). Nas bolsas norte-americanas, observaram-se retrações no Dow Jones (-2,7%) e no S&P (-0,7%), mas uma alta na Nasdaq (0,6%), reverberando alguns balanços positivos. Ainda na semana, o risco soberano brasileiro, medido pelo CDS de 5 anos, subiu 5,25 bps. para 246,6 bps.. Por fim, com o otimismo quanto à flexibilização sanitária na China sobrepujando os temores de recessão nos EUA, a cotação do barril de petróleo tipo Brent encerrou em US\$ 87,63, o que representou uma alta de 2,76% na semana.

### T-Note 10 anos (% a.a.)



### Petróleo

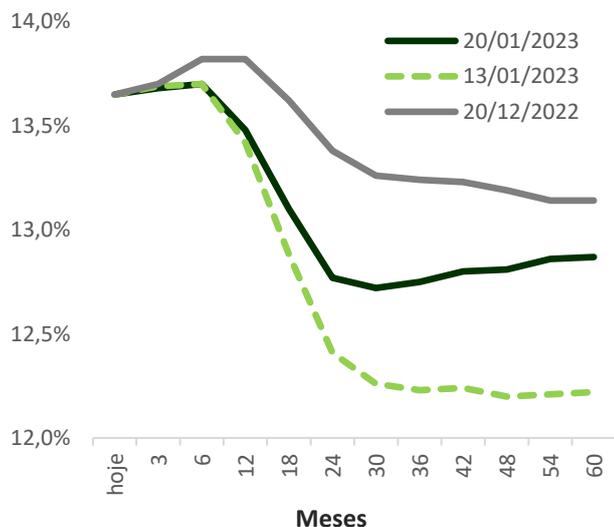
#### Brent última cotação US\$



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

## Taxa de Juros

### Estrutura a Termo das Taxas de Juros (% a.a.)



Após um curto período de relativa calma, houve um aumento nos prêmios de risco implícitos na estrutura a termo da taxa de juros, repercutindo fundamentalmente os ruídos na comunicação. Com isso, a semana encerrou com altas de 0,06 p.p. no vértice de 1 ano, de 0,36 p.p. no de 2 anos, de 0,52 p.p. no de 3, de 0,61 p.p. no de 4 e de 0,65 p.p. no de 5 anos.

Ainda no mesmo período, com a alta de 0,06 p.p. da taxa de juros do *swap* DI prefixados de 360 dias para 13,48% a.a. e com a elevação de 0,06 p.p. para 5,42% na inflação esperada para os próximos 12 meses, a taxa real de juros *ex-ante* encerrou em 7,65% a.a., mesmo patamar do fechamento da semana anterior.

### Taxa Real de Juros *ex-ante* (a.a.)



O *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, fechou a semana em -0,43 p.p., o que representou uma alta de 0,64 p.p. no período. Em linha, o diferencial das taxas pré de 10 anos e de 1 ano dos títulos divulgados pela Anbima subiu 0,66 p.p. para -0,22 p.p..

### *Spread* da Taxa de Juros

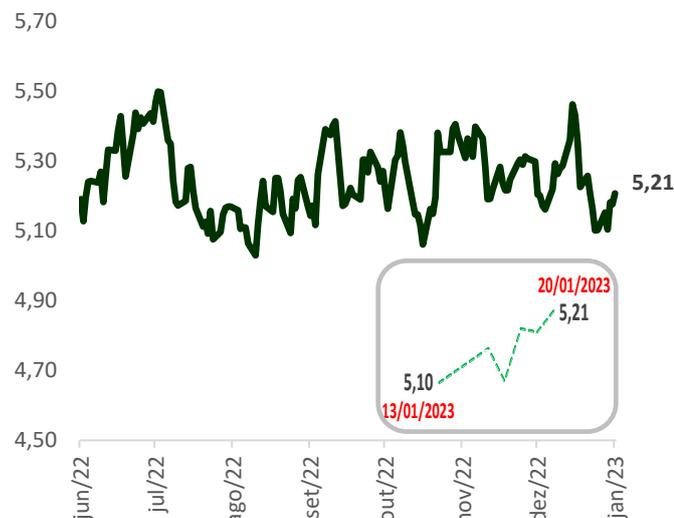
#### Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos (p.p.)



Fonte: B3/Anbima. Elaboração ABBC

## Câmbio

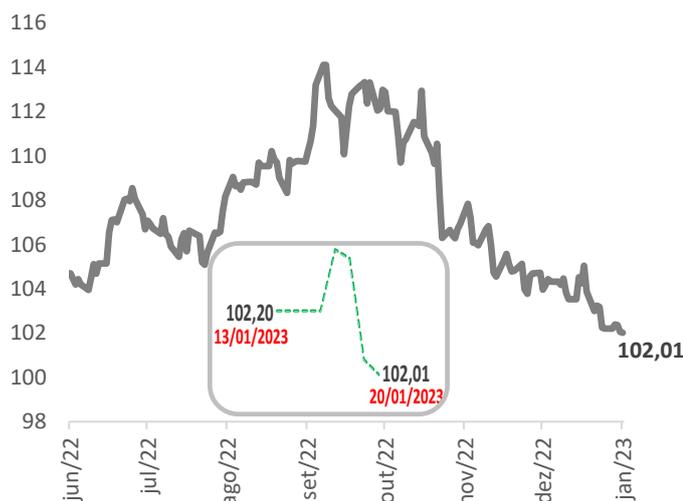
### Real/US\$



Na semana, o dólar perdeu força frente as moedas dos países desenvolvidos, com o *Dollar Index* registrando queda de -0,19%, refletindo as apreciações de 1,37% na libra esterlina e de 0,24% no euro. Entretanto, ganhou força frente às divisas de países emergentes, a despeito da valorização das *commodities*, com o índice que mede o desempenho dessas moedas em relação ao dólar recuando -0,39%, com destaques para as depreciações de 1,20% no peso argentino, de 0,57% no peso mexicano e de 1,37% no renminbi.

Com desempenho mais fraco do que o de seus pares emergentes, o real encerrou a semana com depreciação de 2,05%, com o dólar cotado a R\$ 5,21, em linha com o aumento dos prêmios nos ativos internos. Com isso, o Banco Central atuou no mercado cambial com a venda conjugada com compra de moeda estrangeira, na modalidade pós-fixado Selic, no total de US\$ 2,0 bilhões, além da rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 01/02/2023.

### Dollar Index



### Índice de Emergentes\*



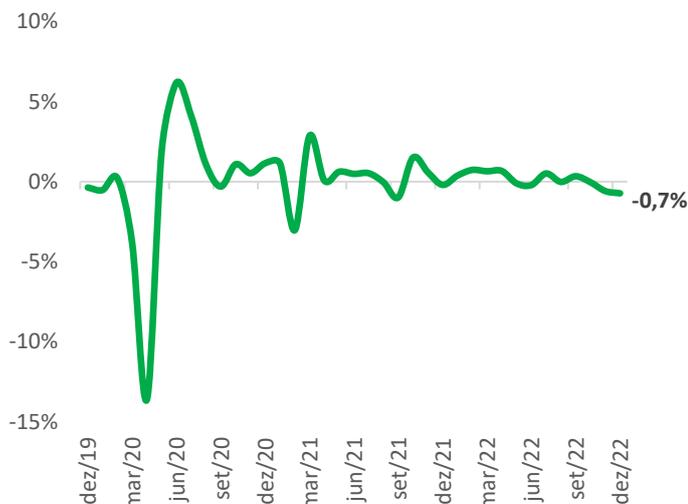
\*Cesta de Moedas:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

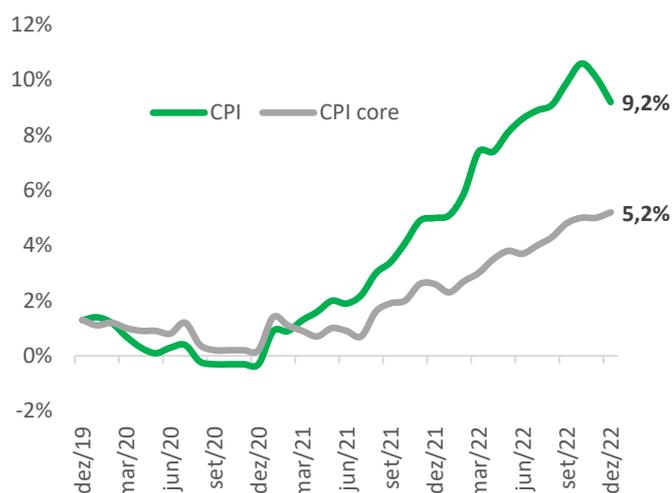
Fonte: J.P. Morgan/Bloomberg. Elaboração ABBC

## Atividade Global – Dez/22

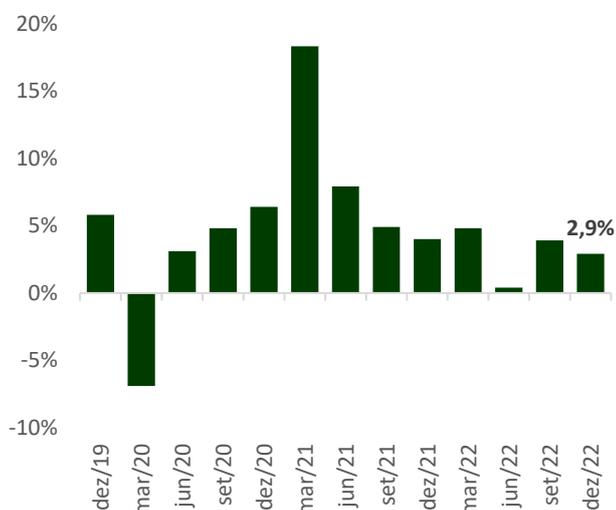
### EUA – Produção Industrial



### Zona do Euro – Inflação ao Consumidor



### China – Produto Interno Bruto Variação trimestral (% anual)



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

As preocupações em relação à uma possível recessão global marcou a semana. No Fórum Econômico mundial, em Davos, com economistas-chefes dos setores públicos e privados revelou que dois terços dos entrevistados esperam uma retração da economia mundial em 2023 por conta da inflação e dívidas elevadas e o ambiente geopolítico de alta fragmentação. Aditivamente, o Banco Central Europeu (BCE) pontuou sobre uma possível pressão inflacionária oriunda da China com a reabertura do país, ratificando a percepção de que os BCs terão que manter as taxas de juros em patamares restritivos por mais tempo.

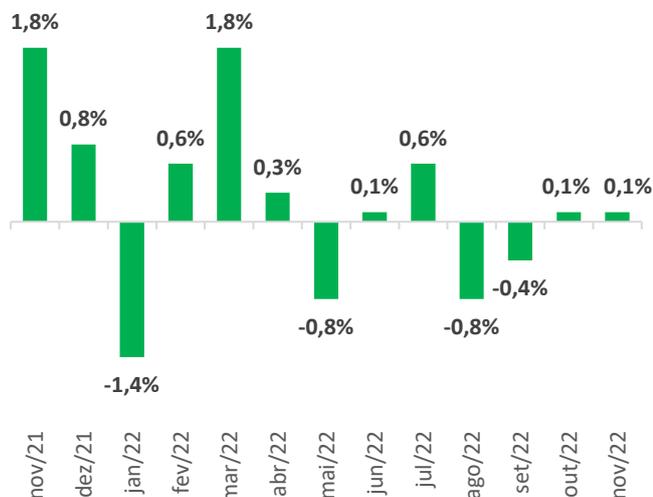
Do lado dos indicadores, os números da atividade nos EUA mostraram retração em dezembro, reforçando as dúvidas em relação aos próximos passos de política monetária pelo Federal Reserve (Fed). Com queda de -1,1% na margem em dezembro, as vendas no varejo surpreenderam ligeiramente para baixo pois se esperava uma queda de -0,9%. Aditivamente, o resultado de novembro foi revisto de uma queda de -0,6% para -1,0% na margem. Em consonância, a produção industrial se retraiu -0,7% entre novembro e dezembro, muito mais que o previsto (-0,1%) e os dados de novembro também foram revisados, de uma queda de -0,2% para -0,6%. Ainda, os pedidos semanais por seguro-desemprego recuaram inesperadamente em 15 mil na semana encerrada em 14 de janeiro, para 190 mil solicitações, sugerindo que o mercado de trabalho continua apertado a despeito das taxas de juros mais elevada.

Na Zona do Euro, a inflação ao consumidor (CPI) mostrou sinais de arrefecimento, em meio ao recuo contínuo nos preços de energia, todavia, continuam em elevados patamares. Na leitura final de dezembro, o CPI confirmou a inflação anual de 9,2% a.a., desacelerando em relação ao resultado de 10,1% a.a. registrado em novembro. O núcleo, que exclui os preços de energia e alimentos, acelerou de 5,0% a.a. em novembro para uma alta de 5,2% a.a.. Já no Reino Unido, o CPI desacelerou em base anual, de 10,7% a.a. em novembro para 10,5% a.a.. Essa foi a 2ª queda consecutiva do indicador.

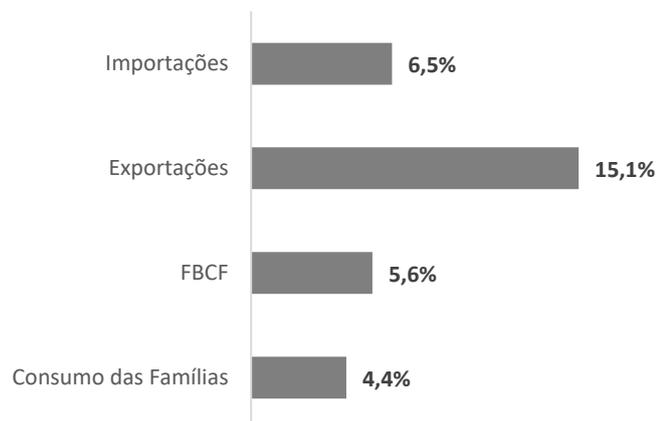
Refletindo as medidas de restrições sanitárias e questões estruturais do setor imobiliário, o PIB da China cresceu 2,9% no 4T22 em relação ao mesmo período de 2021, contra um ritmo de expansão de 3,9% no 3T22. Assim, a atividade econômica cresceu 3,0% em 2022, abaixo da meta de 5,5% do governo e do crescimento de 8,4% em 2021. Ainda, em dezembro, a produção industrial cresceu 1,3% ante dez/21, desacelerando em relação ao aumento de 2,2% em novembro. Por fim, as vendas no varejo retraíram-se 1,8% em dezembro ante dez/21, após a queda de 5,9% em novembro.

## Monitor do PIB - Nov/22

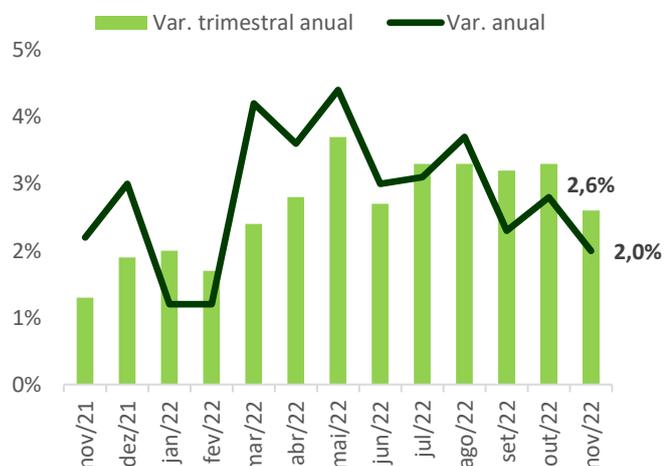
### Varição Mensal Com ajuste sazonal



### Varição Trimestral Contra mesmo trimestre do ano anterior



### Varição Anual e Trimestral Contra mesmo trimestre do ano anterior



Considerando-se os dados com ajuste sazonal, o Monitor do PIB da FGV apontou um crescimento mensal de 0,1% em novembro. Em termos interanuais, a alta foi de 2,0% no mês e de 2,6% no trimestre móvel findo em novembro. O resultado adveio dos desempenhos positivos da agropecuária e da indústria. Com uma clara tendência de desaceleração, o setor de serviços apresentou uma retração em novembro, após 6 meses consecutivos com taxas positivas. Este setor sofre o impacto das taxas de juros elevadas e do alto endividamento das famílias. Com os sinais de enfraquecimento da economia, a expectativa da FGV é de que no 4T22 o crescimento seja muito baixo, de modo que o PIB deverá fechar o ano com uma expansão de 3,0%.

Pela demanda, o ritmo de crescimento do consumo das famílias perdeu intensidade em todos os seus componentes, ainda que apenas o grupo de produtos semiduráveis tenha apresentado uma retração de -9,6% no mês. O consumo das famílias cresceu 4,4% no trimestre móvel findo em novembro sobre o mesmo trimestre de 2021.

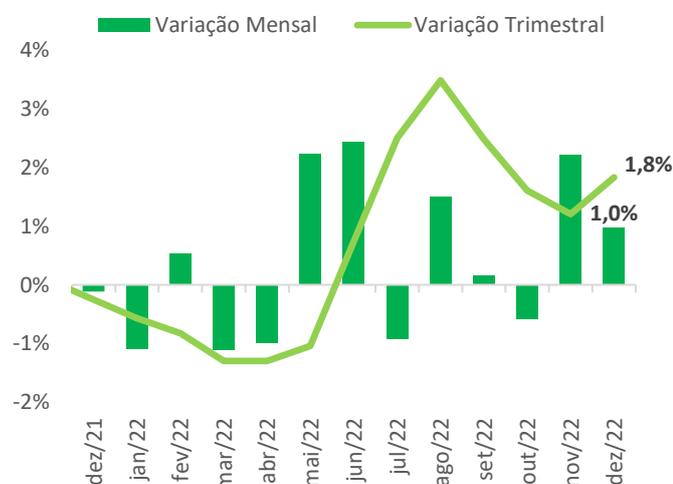
A formação bruta de capital fixo (FBCF) avançou 5,6% na base trimestral interanual, apresentando aumento em todos os componentes, com destaque para máquinas e equipamentos, principal influência no mês com cerca de 70% do crescimento do indicador.

Por fim, ainda na base trimestral interanual, as exportações cresceram 15,1% com a contribuição de todos os segmentos, destacando-se os produtos agropecuários, com influência de cerca de 30% do crescimento, enquanto as importações avançaram menos intensamente, com alta de 6,5% na mesma base comparativa. Embora positivo, o resultado das importações vem desacelerando desde meados de 2022, impactado pelas menores compras de bens intermediários, que se reduziram de 9,4% no trimestre móvel findo em outubro para 3,7% no trimestre móvel findo em novembro.

Fonte: FGV. Elaboração ABBC

## Atividade do Comércio – Dez/22

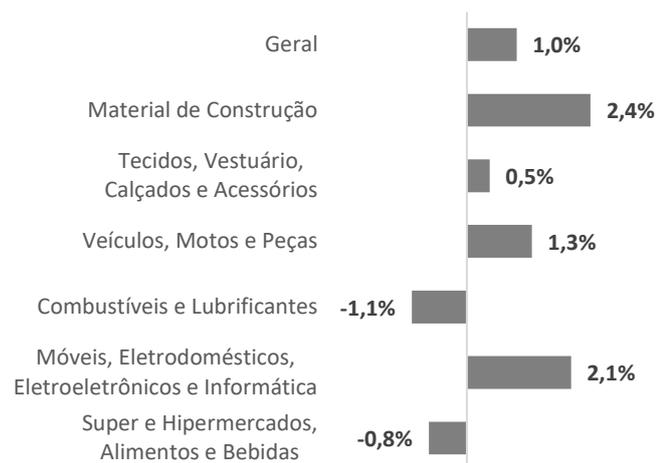
### Varição Mensal e Trimestral Com ajuste sazonal



O Indicador de Atividade do Comércio da Serasa Experian apontou crescimento de 1,0% em dezembro após expandir-se 2,2% em nov/22, na série com ajuste sazonal. Em 2022, o setor varejista foi impactado pela trajetória da inflação e da taxa Selic, com reflexo no poder de compra dos consumidores. No acumulado em 12 meses, o indicador registrou um crescimento de 0,9% a.a..

No mês, 4 dos 6 setores apresentaram alta, com as maiores variações para Material de construção (2,4%) e Móveis, eletrodomésticos, eletroeletrônicos e informática (2,1%). Por sua vez, houve quedas nos segmentos de combustíveis e lubrificantes (-1,1%), a despeito do benefício fiscal, e de Supermercados, hipermercados, alimentos e bebidas (-0,8%).

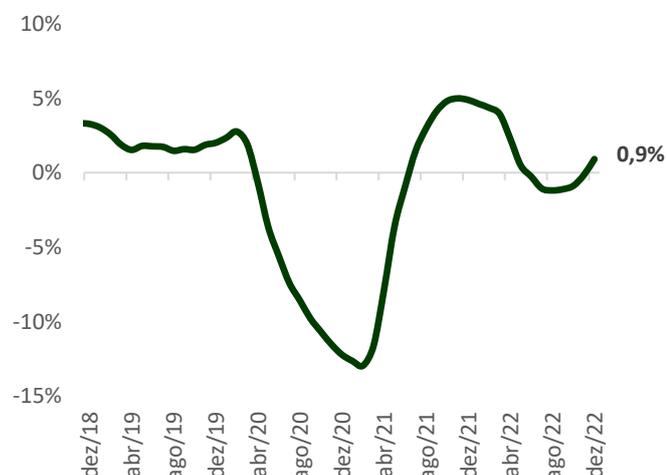
### Varição Mensal Por atividade



Na comparação pela base trimestral, o indicador passou de 1,2% em nov/22 para 1,8%, avanço alavancado por Combustíveis e lubrificantes (3,5%), por Móveis, eletrodomésticos, eletroeletrônicos e informática (3,0%) e Material de construção (0,6%).

No acumulado em 12 meses, a maioria dos setores apresentaram resultado negativo, exceção à Tecidos, vestuários e calçados que apresentaram crescimento de 11,0% a.a. e Móveis, eletrônicos e informática com alta de 3,7% a.a..

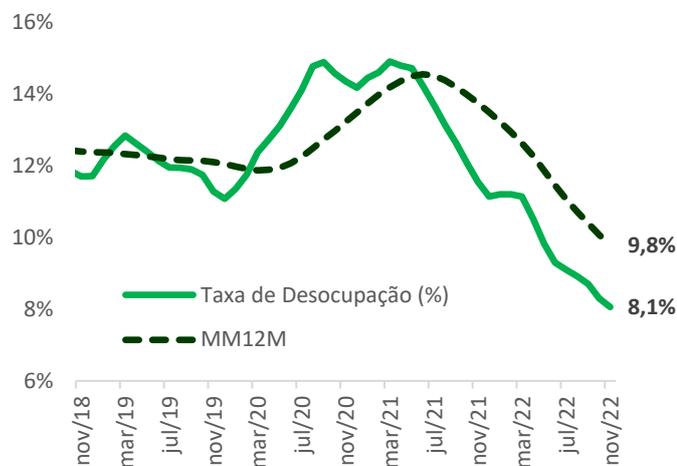
### Varição Anual Acumulada em 12 meses



Fonte: Serasa Experian. Elaboração ABBC

## Pnad Contínua - Nov/22

### Taxa de Desocupação Trimestre móvel



Ainda que com alguma moderação, a melhora no mercado de trabalho na PNAD persiste. No trimestre móvel findo em novembro, a população ocupada era de 99.693 mil, mantendo-se praticamente estável em relação a out/22, mas com um aumento de 0,7% ante ago/22 e de 5,0% em 12 meses. Entretanto, a expansão anualizada se desacelera desde jun/22.

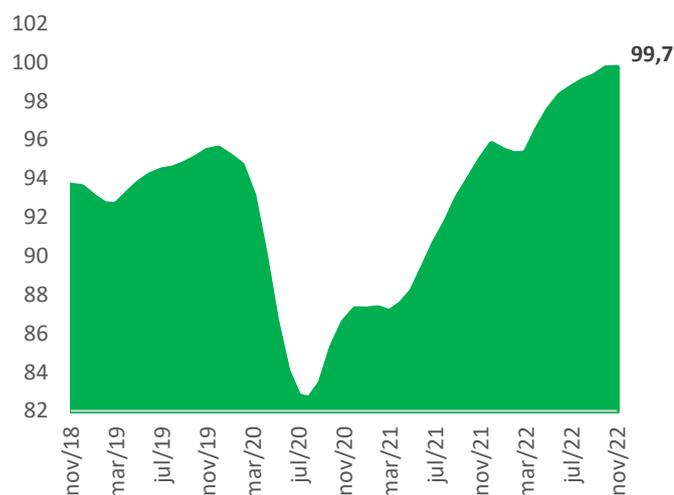
A taxa de desemprego ficou em 8,1%, com recuo de -0,2 p.p. na margem, de -0,9 ante ago/22 e de -3,5 p.p. em 12m. Com essa evolução, o indicador atingiu o seu menor nível desde o trimestre findo em abr/15. Essa queda foi favorecida pela redução na taxa de participação, se mantida a média verificada em 2019, no período anterior à pandemia, a taxa de desemprego estaria 1,7 p.p. acima. O número de desempregados caiu para 8.741 mil, com respectivas quedas de -3,1%, -9,8% e de -29,5% a.a..

O aumento do emprego formal e o recente alívio inflacionário contribuíram para o crescimento do rendimento médio real habitual em 3,0% em relação a ago/22 para R\$ 2.787. Em 12m o avanço foi de 7,2%. Contudo, o nível ainda se encontra -1,5% abaixo de fev/20. Por fim, a massa real habitual registrou taxas de 3,8% e 13,0%, respectivamente, para R\$ 272,998 bilhões.

Contribuiu para essa melhora o crescimento do setor formal. Nos trimestres móveis, o emprego com carteira assinada no setor privado cresceu 2,3% quando comparado com o encerrado em ago/22 e os empregos informais aumentaram 1,1% na mesma comparação. Em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, os empregos com carteira assinada aumentaram em 7,5% e os sem carteira assinada em 9,3%.

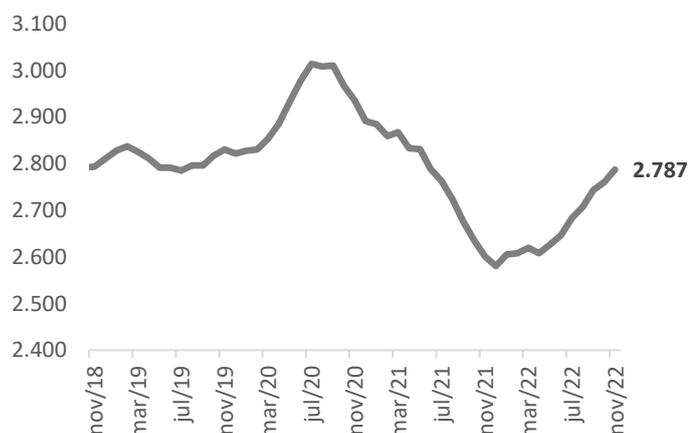
Na abertura por setores, o mais representativo continua sendo o comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas, com 19,3% do total de empregados (19,3 milhões), seguido por administração pública, defesa e seguridade, educação, saúde humana e serviços sociais, com 17,7% de participação (17,7 milhões de pessoas).

### Pessoas Ocupadas Em milhões



### Rendimento Médio Real

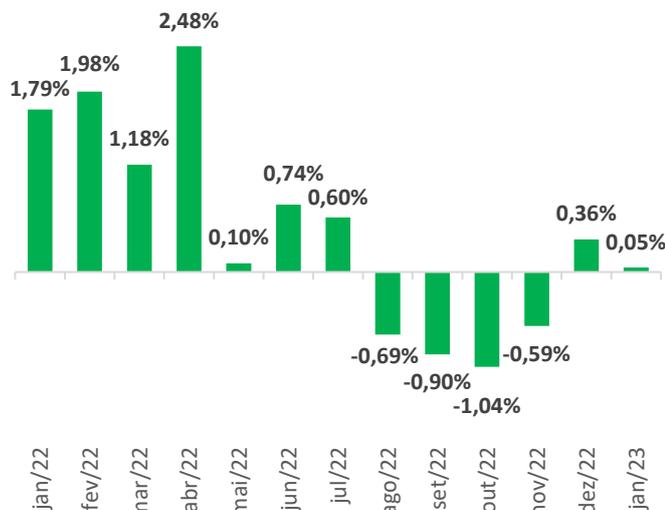
#### Rendimento habitual de todos os trabalhos – em R\$



Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

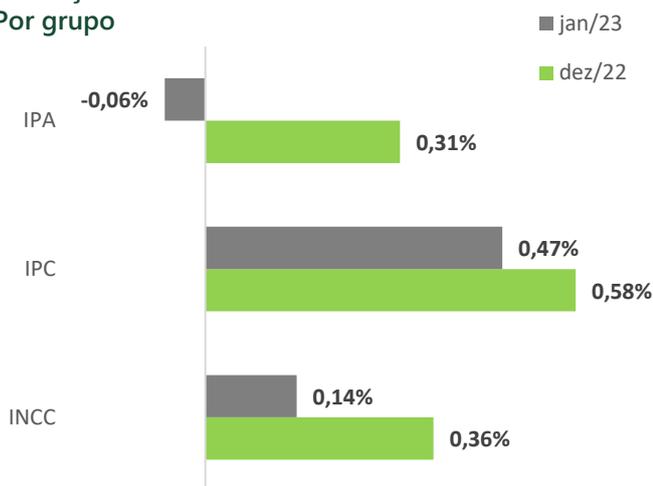
## IGP-10 – Jan/23

### Variação Mensal



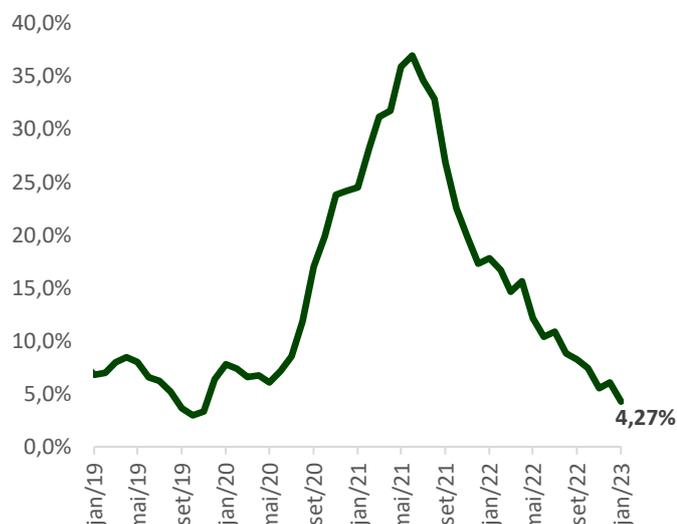
O IGP-10 avançou 0,05% em janeiro, desacelerando-se em relação ao aumento de 0,36% observado em dez/22. O movimento se deu especialmente pela inflação ao produtor, cuja alta de importantes commodities foram mais que compensadas pela queda nos preços dos combustíveis. Assim, o índice acumulou uma alta de 4,27% a.a. ante 6,08% a.a. em dez/22, situando-se no menor nível em 12 meses desde nov/19 (3,33% a.a.).

### Variação Mensal Por grupo



O IPA foi o único componente a registrar deflação no mês, apresentando uma queda de -0,06% ante uma elevação de 0,31% em dez/22. Por estágios de produção, a taxa dos bens finais recuou de 0,30% para -0,59% no mês, beneficiada pelos preços do subgrupo de alimentos processados (0,52% para -1,03%). A dos bens intermediários, principal influência para a queda do IPA, caiu de -0,40% para -1,33% em função dos preços dos combustíveis e lubrificantes para a produção, cujo recuo de -0,56% em dez/22 para -6,66% em jan/23 ainda conta com o benefício fiscal com previsão de término para mar/23. Por fim, a taxa das matérias-primas brutas avançou de 1,12% para 1,87% alavancada pelos preços de importantes commodities como o café em grão (-8,37% para 5,23%), bovinos (-0,31% para 2,40%) e minério de ferro (12,08% para 11,92%). Assim, o IPA arrefeceu de 6,08% a.a. para 3,66% a.a..

### Evolução Anual



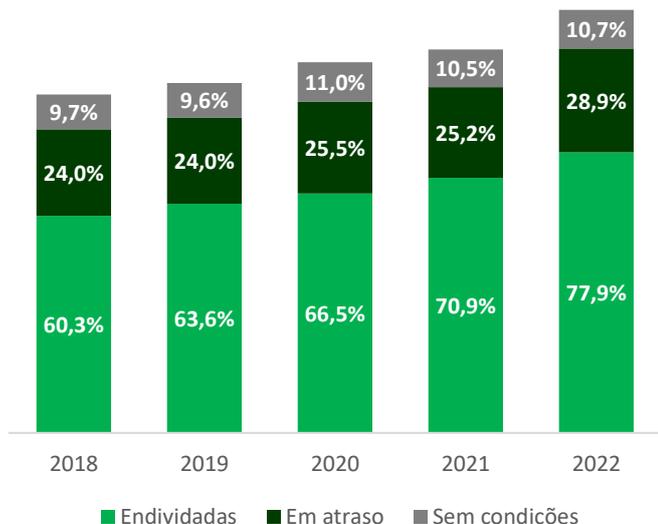
O IPC desacelerou de 0,58% em dez/22 para 0,47%, apresentando queda nas taxas de variação de 4 das 8 classes de despesa componente, com destaques para Transporte (0,85% para 0,06%), ainda beneficiado pelos preços dos combustíveis, e Alimentação (1,12% para 0,67%) com a suavização nos preços das hortaliças e legumes (11,79% para 4,04%). No sentido de alta, os principais grupos foram Educação, leitura e recreação (-0,45% para 1,13%), sofrendo grande impacto de cursos formais, com alta de 2,49% no mês, e o grupo de Comunicação (0,11% para 0,73%), devido à elevação de tarifa de telefone móvel (-0,10% para 0,92%). Dessa forma, o IPC acelerou em 12 meses de 4,40% a.a. para 4,47% a.a..

Por fim, o INCC desacelerou de 0,36% para 0,14% devido à deflação nos preços de materiais e equipamentos (0,28% para -0,04%) e ao arrefecimento nos custos com mão de obra (0,44% para 0,34), enquanto a taxa de serviços avançou de 0,35% para 0,44%. Com isso, o INCC desacelerou de 9,55% a.a. em dez/22 para 9,16% a.a., taxa que vem reduzindo-se desde jul/22 (11,71% a.a.).

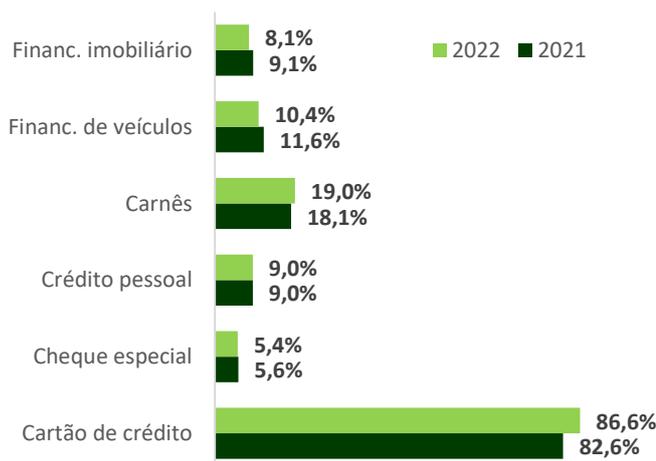
Fonte: FGV. Elaboração ABBC

## PEIC - 2022

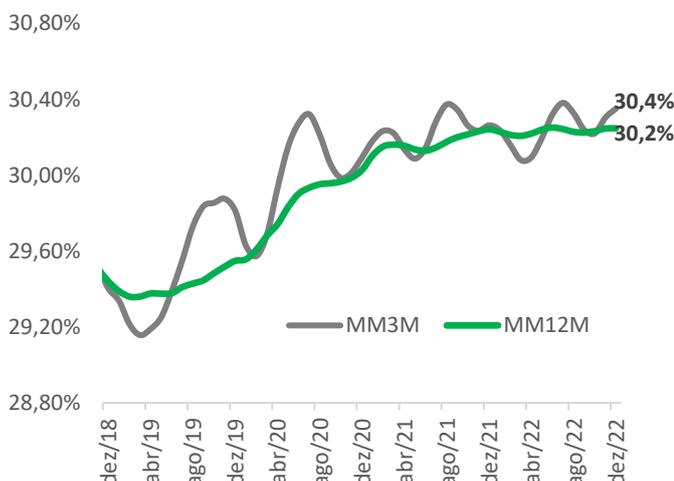
### Média Anual



### Tipo de Dívida Média anual



### Parcela da Renda Comprometida



Fonte: CNC. Elaboração ABBC

A Pesquisa da Confederação Nacional do Comércio (CNC) de dezembro mostrou que o percentual de famílias que se consideram endividadas recuou em -0,9 p.p. no mês, aumentando 1,7 p.p. em 12m para 78,0%. Do total, 30,0% das famílias declararam estar com contas atrasadas (-0,3 p.p. no mês e +3,8 p.p. em 12m) e 11,3% que não teriam condições de arcar com as dívidas, permanecendo inadimplentes (+0,4 p.p. no mês e +1,2 p.p. em 12m).

Com o impacto no orçamento dos elevados níveis das taxas de juros e da inflação que reduzem o poder de compra e encarecem as dívidas já existentes, a média em 2022 das famílias que declararam estar endividadas foi de 77,9%, de 28,9% para as que estariam inadimplentes e 10,7% para as que declaram que não possuíam condições de honrar com suas dívidas. Esses números conferiram um recorde de alta no levantamento para os níveis de endividamento e inadimplência. Em 2021, esses percentuais eram de 70,9% de famílias endividadas, 25,2% com contas em atraso e 10,7% sem condições de pagar.

A proporção de endividados alcançou 78,9% das famílias com renda de até 10 salários mínimos e 74,3% entre as com mais de 10 salários de rendimento. Na média de 2022, o aumento da parcela de endividados foi, respectivamente, de 6,8 p.p. e 8,3 p.p., o que significou as maiores altas desde 2010.

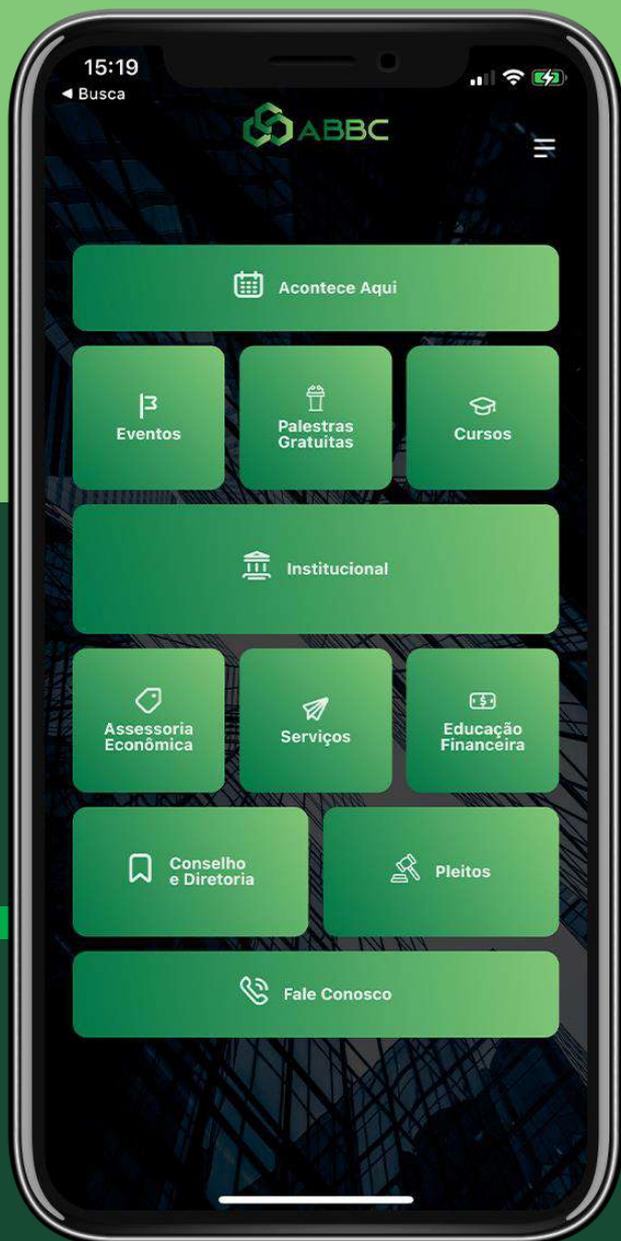
Em termos absolutos, apesar das famílias com menor rendimento representarem um número mais expressivo, a proporção de endividados entre os mais ricos superou o nível de 70% pela primeira vez na PEIC, tendo uma velocidade de crescimento maior do que a dos de menor renda.

Dentre os principais tipos de dívida, o cartão de crédito foi a modalidade mais citada pelas famílias em 2022, representando 86,6% das dívidas, devido à facilidade de acesso a estas modalidades, as inovações tecnológicas dos serviços financeiros e aos cartões de grandes redes de varejo. Em seguida, aparecem os carnês, representando 19,0% da dívida média anual.

A renda média comprometida em 2022 ficou em 30,2%, sendo um comprometimento médio de 30,9% para as famílias de menor renda e de 27,3% para as de maior. Dentre os endividados, 21,5% afirmaram ter mais de 50% da renda sendo destinada ao pagamento de dívidas, e para famílias de menor renda, essa taxa sobe para 23,0%.

## Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2019	2020	2021	2022E	2023E
<b>Atividade, Inflação e Juros</b>					
PIB Real (% a/a)	1,2	-3,9	4,6	3,0	0,8
Crédito (% a/a)	6,4	15,6	16,5	14,8	8,4
Desocupação (% fim de período)	11,1	14,2	11,1	8,0	8,7
IPCA (% a/a, fim de período)	4,3	4,5	10,1	<b>5,8</b>	5,3
IGP-M (% a/a, fim de período)	7,3	23,1	17,8	<b>5,45</b>	4,5
Taxa Selic (% fim de período)	4,50	2,00	9,25	<b>13,75</b>	11,75
<b>Setor Externo e Câmbio</b>					
Balança Comercial - (US\$ bi)	35,2	50,4	61,2	62,3	60,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-65,0	-24,5	-28,1	-50,0	-46,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	69,2	37,8	53,3	80,0	75,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	4,0	5,2	5,7	<b>5,28</b>	5,25
<b>Fiscal</b>					
Resultado Primário (% PIB)	-0,8	-9,4	0,7	1,2	-1,2
Resultado Nominal (% PIB)	-5,8	-13,6	-4,4	-5,2	-8,7
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	54,7	62,5	57,2	58,0	62,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	74,4	88,6	80,3	74,5	77,0



## Baixe o app ABBC

E fique por dentro das novidades do mercado financeiro.



DISPONÍVEL NO  
**Google Play**



Disponível na  
**App Store**



## Assessoria Econômica



[abbc.org.br](http://abbc.org.br)  
[assessoriaeconomica@abbc.org.br](mailto:assessoriaeconomica@abbc.org.br)



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156  
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –  
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688